

Feminismo negro e o rompimento da história única: uma análise do conto “No seu pescoço”, de Chimamanda Ngozi Adichie

Black feminism and the disruption of the single history: an analysis of the tale No seu pescoço by Chimamanda Ngozi Adichie

Ieda Cunha
Nágila Alves da Silva
Algemira de Macedo Mendes

Resumo: O presente trabalho, visa analisar o conto “No seu pescoço” que compõe o livro de contos No seu pescoço (2017), da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, a fim de verificar a forma como a mulher negra, sendo um sujeito duplamente colonizado, é representada na narrativa e de que forma a escritora retrata as questões relacionadas a história única sobre a África, à diáspora, racismo e ao feminismo negro em seu enredo. Entre vários estudiosos, utilizaram-se os arcabouços teóricos de: Adichie (2019), Ribeiro (2017), Said (2011), Hooks (2019), Collins (2019) Kilomba (2019) que, em conjunto com Adichie, oferecem discussões e reflexões sobre a posição da mulher negra na pós-colonialidade.

Palavras-chave: Mulheres negras. Chimamanda Adichie. Feminismo negro.

Abstract: The research aims to analyze the tale No seu pescoço that is part of the book “No seu pescoço” (2017), written by Nigerian author Chimamanda Ngozi Adichie, with the purpose of verifying how the black woman is represented in the narrative, as a doubly colonized subject and how the writer portrays the issues related to the single history about Africa, the diaspora, racism and black feminism in her storyline. As theoretical foundation the following authors were used: Adichie (2019), Ribeiro (2017), Said (2011), Hooks (2019), Collins (2019) Kilomba (2019) who like the author, offer discussions and reflections about the position of black women in postcoloniality.

Keywords: Black women. Chimamanda Adichie. Black feminism.

1 INTRODUÇÃO

As mulheres negras têm sido subjugadas ao longo da história e invisibilizadas pela sociedade hegemônica que lhe destinou o lugar de subalternidade e vulnerabilidade social. Por meio da literatura escrita por elas, essa realidade tem sido transformada significativamente, pois essa criação literária é feita para dar voz às suas necessidades e focar nas suas realidades com o objetivo de transformá-las.

A produção literária de africanos tem ganhado força na contemporaneidade, sobretudo, no que diz respeito à mulher negra, amplamente colonizada por sofrer com a opressão de gênero, raça e classe. Essas pautas são trazidas para o centro da literatura contemporânea escrita por mulheres negras especialmente pelo viés dos estudos pós-coloniais e do feminismo negro. Essas narrativas objetivam romper com a história única que, por várias décadas, foi contada apenas pelas lentes do colonizador e tida como única e verdade absoluta que, através da literatura afrodescendente, tem sido rejeitada e recontada pela comunidade negra por meio de seus escritos. Inscrevendo assim, a história que não puderem contar em tempo oportuno para a sociedade.

Este trabalho consiste na análise do conto “No seu pescoço”, da escritora Nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, e tem o objetivo de verificar a forma como a mulher negra, sendo um sujeito duplamente colonizado, é representada na narrativa e como a escritora retrata as questões relacionadas a história única, à diáspora e ao feminismo negro em seu enredo, rompendo assim com narrativas de cunho negativo sobre o continente africano e seu povo, o que aconteceu por vários séculos.

O conto “No seu pescoço” narra o percurso migratório da jovem Akunna, sua saída de Lagos, na Nigéria, com seu tão sonhado Green Card para os Estados Unidos da América, em busca de melhorias de vida, oportunidade de emprego e ascensão social, porém, a realidade vivenciada por ela no país é diferente. O enredo problematiza a vida da jovem como imigrante nos EUA e como mulher negra que sofre com preconceito racial e machismo. Embora se trate de ficção, a história se entrecruza com a realidade contemporânea de muitas mulheres negras que diariamente migram para outros países em busca de qualidade de vida.

Said (2011) ressalta o quão difícil e excruciante é a relação dos escritores pós-colonialistas, como Adichie, com suas raízes e histórias, embora façam uso da escrita e da literatura para relatarem suas vivências na sociedade colonial como ato político, transformando a literatura e a cultura em instrumentos de resistência. Como mulher e negra, Chimamanda Adichie contribui através de suas obras de maneira significativa para as discussões levantadas a partir desses discursos de resistência à ideologia dominante e aos discursos hegemônicos.

A literatura pós-colonial e o feminismo negro são caracterizados como movimentos de resistência, pois pretendem modificar as sociedades com passado colonial, o que é evidenciado pela personagem Akunna, que em diversos momentos do enredo mostra sua posição crítica sobre a sua condição de subalternidade e as múltiplas formas de opressão que vivencia. Isso ocorre, porque, de acordo com Bonnici (1998, p. 20), “o sujeito pós-colonial representado na literatura recupere a voz e assim possa narrar e anunciar as suas experiências como o Outro”.

Adichie utiliza sua escrita para dar voz aos menos favorecidos e a maioria minorizada, na qual ela também faz parte. Sobre essa questão, Collins (2019) enfatiza a importância de as mulheres negras, como Adichie, fazerem uso criativo do lugar de marginalidade que ocupam na sociedade, a fim de desenvolverem pensamentos e teorias que possam refletir diferentes olhares e perspectivas e que possam romper com o silêncio que lhes foi instituído e as colocou na condição de subalternas.

2 O CONTO “NO SEU PESCOÇO”

A teórica indiana Spivak (2010) afirma que as mulheres subalternas padecem por conta de uma dupla colonização que se dá pelo fato de serem mulheres e terem nascido em uma (ex) colônia, com isso forma-se dupla opressão com o patriarcalismo e o colonialismo. Acredita-se que as discussões em torno da diáspora, do feminino e da resistência de mulheres negras é uma forma de subverter o sistema colonial. As sequelas

da colonialidade aparecem de diversas maneiras em nossa sociedade, e a reflexão em torno da obra literária de mulheres negras como Adichie é uma perspectiva de mudanças.

O conto “No seu pescoço”, que dá título à obra, compõe o primeiro livro de contos de Chimamanda Adichie e foi publicado pela primeira vez em 2009 e traduzido para o português em 2017. A obra é composta por doze contos, e a maioria deles tem como protagonistas mulheres negras e narrativas sobre histórias impactantes e sensíveis que se passam na África e nos Estados Unidos e personagens que se deslocam entre esses dois continentes.

Os contos apresentam mulheres fortes e empoderadas que mudam para a América com o intuito de adquirir oportunidades de trabalho, mas se deparam com uma condição de vida diferente. Sendo assim, por meio da narrativa, Adichie critica e levanta reflexões sobre a condição feminina, na qual as mulheres negras são submetidas à diáspora e também em sua terra natal na Nigéria.

Akunna personagem principal do conto desse *corpus* é fruto das novas diásporas suscitadas pelas migrações pós-coloniais. Ela pretende descobrir, entender e construir sua própria identidade a partir de um marcador subjetivo que evidencia sua diferença. A protagonista explora sua ancestralidade, exprime seus dilemas e mostra os conflitos inerentes ao entre-lugar designado por Bhabha (2013), o lócus indefinido e mutável no qual se realiza o sincretismo de culturas e identidades em contexto que descreve a era pós-colonial.

Em “No seu pescoço”, a representação feminina e as opressões se dão no contexto da diáspora, processo que contribuiu para a eclosão da multiculturalidade e para a fragmentação das identidades no período pós-colonial. Conceitos como *diferença*, *outro* e *estrangeiro* também assumem papel de centralidade no feminismo pós-colonial e no campo dos estudos culturais. Para Hall (2003), o próprio conceito de diáspora que se apoia sobre a tradicional concepção binária de diferença, que atravessa a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção do Outro, produto das novas diásporas criadas pelas migrações pós-coloniais.

A narrativa do conto “No seu pescoço” apresenta a história de Akunna uma imigrante que lhe é concedido o direito de fala para narrar e compartilhar sua própria história, baseada em seus sentimentos por sua terra natal, seu novo lar, as múltiplas experiências de opressão vivenciadas por ela: uma jovem que sai de Lagos na Nigéria para morar nos Estados Unidos com o tio, com o objetivo de poder ascender socialmente e ajudar sua família em Lagos na Nigéria. Logo que passa a conviver com a sociedade americana, Akunna se sente constrangida com tantos olhares e indiferenças.

A partir daí a personagem descreve as dificuldades de uma imigrante longe das suas origens e o convívio na casa do tio que, no início era muito bom, mas logo depois vários assédios se iniciam. Deste modo, ela se desespera e vai embora sem direção. Depois de muita luta, consegue emprego em um restaurante e passa a morar sozinha.

O conto é narrado em segunda pessoa, estratégia usada pela escritora para aproximar o leitor da personagem Akunna que durante todo o enredo é chamada de “você”: “você pensava que todo mundo nos Estados Unidos tinha um carro e uma arma” (ADICHIE, 2017, p. 125). Na narrativa, Adiche opõe a protagonista Akunna, sendo

mulher e negra ao lugar de outro e também de “outridade”, ela apresenta a personagem como sujeito que, de acordo com Hooks (2019, p. 42), “tem direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias”.

Isso torna sua escrita um ato de descolonização, pois quem escreve se opõe “a posições coloniais tornando-se o /a escritora/escritor, validada/o e legitimada/o ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada” (KILOMBA, 2019, p. 28). As mulheres negras cientes de si e da sua realidade se tornam “oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminedou” (KILOMBA, 2019, p. 28). Elas usam a escrita para garantirem o direito de serem representadas e de poder representar outras mulheres. Sendo assim, escrever para elas é um ato político, pois descrevem suas próprias histórias, podendo narrar e escrever sobre as suas particularidades, baseado em sua realidade social.

2.1 CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE E O ROMPIMENTO DA HISTÓRIA ÚNICA

Chimamanda Ngozi Adichie é uma das grandes intelectuais negras da literatura africana e das lutas a favor do feminismo. Nasceu em 1977 em Enugu, na Nigéria, mas aos dezenove anos se mudou para os Estados Unidos para estudar, passando assim a viver entre a África e os EUA. Através de suas obras, Adichie trouxe mais visibilidade para o continente africano e suas causas socioculturais, com isso ela ganhou inúmeras premiações com suas obras que já foram traduzidas para mais de trinta países, conseguindo espaço e vários leitores espalhados pelo mundo.

As obras de Adichie são compostas por: *Notas sobre o luto* (2021), *No seu pescoço* (2017), *Para educar crianças feministas* (2017). É autora também dos romances *Meio sol amarelo* (2016), *Hibisco roxo* (2003), *Americanah* (2013); os ensaios *O perigo de uma história única* (2019) e *Sejamos todos feministas* (2014). Recebeu prêmios como o Commonwealth Writers (2015) e Orange Prize (2007), além de ter seu romance *Meio sol amarelo* adaptado para o cinema em 2013.

Através de suas obras, ela objetiva romper com os estereótipos acerca do continente africano e contar muitas histórias importantes sobre o seu povo, centralizando sua escrita nas mulheres negras do seu continente. Mia Couto afirma que a escrita de Chimamanda tem características imprescindíveis para os que escrevem ficção, pois segundo ele “o que importa do ponto de vista do escritor é a capacidade que essa personagem tem de suscitar histórias e nos revelar facetas da nossa própria humanidade” (COUTO, 2005, p. 48).

Podemos perceber isso nos textos africanos que apresentam várias “facetas humanas” que permeiam essa sociedade, como reforça Achebe: “a nova literatura africana assim como a velha, está ciente da disponibilidade de que dispõe para celebrar a humanidade em nosso continente” (ACHEBE, 2012, p. 125). Por meio da sua escrita, Adiche rompe com a visão da “história única” que deu origem aos estereótipos sobre a África e suas mazelas e catástrofes do país, esquecendo-se das “[...] outras histórias que não são sobre catástrofes, e é muito importante, igualmente importante falar sobre elas” (ADICHIE, 2019, p. 27).

No livro *O perigo de uma história única* (2019), a autora fala sobre sua própria vida: muda-se para os Estados Unidos e tem que conviver com as histórias únicas criadas pelo ocidente sobre a África ao falar sobre seus colegas da universidade que expressam uma espécie de “pena” por ela ser africana, “visão construída pelas mentiras, mas que são incompletos, eles fazem com que uma história seja a única história” (ADICHIE, 2019, p. 26).

Essa visão estereotipada da sociedade em relação ao continente africano é evidenciada no conto *No seu pescoço*: ao chegar na faculdade comunitária, Akunna é interrogada por suas colegas que “perguntaram onde você tinha aprendido a falar inglês, se havia casas de verdade na África e se você já tinha visto um carro antes de vir para os Estados Unidos” (ADICHIE, 2017, p. 126).

Akunna fica incomodada com as perguntas e com a visão estereotipada dos americanos em relação ao seu continente, assim Adichie traz para o debate da narrativa a ideia estereotipada da sociedade em relação à África. Porque, até mesmo, na contemporaneidade existe a ideia do continente como um local hegemônico e sempre caracterizado pela fome, extrema pobreza e pelos problemas existentes, o que impossibilita que as pessoas conheçam as outras inúmeras faces, culturas e particularidades dos povos da África.

Adichie passa a apresentar o continente africano de forma digna e permite que conheçamos o continente que, na maioria das vezes, não aparece de forma correta nas narrativas ocidentais. Indo na contramão disso, ela mostra os africanos, em especial, os nigerianos, dotados de conhecimento e habilidades.

Passando a utilizar a ficção para empoderar e humanizar seu povo e para “reparar a dignidade despedaçada” (ADICHIE, 2019, p. 32) criada e contada anteriormente por seus ancestrais, sendo então recuperada e produzida por Adichie e outros africanos novas histórias sobre o continente e sua população.

2.2 Feminismo negro e o conto “No seu pescoço”

Escritoras como Chimamanda Adichie, Paulina Chiziane, Djamília Pereira e tantas outras intelectuais “têm contribuído para promover o ativismo do feminino negro” (COLLINS, 2019, p. 33). O feminismo negro é o termo utilizado para designar o movimento teórico, político, social e prático protagonizado por essas mulheres e tem como objetivo promover e trazer visibilidade às pautas das mulheres negras e reivindicar seus direitos e espaço na sociedade.

Para ela, seu texto literário é tido tanto como um artefato estético como também político ao ponto que torna os indivíduos à margem da sociedade em sujeitos da sua narrativa. Adichie produz seus contos e todas as suas narrativas a partir do espaço que ela ocupa na estrutura social e, por ser mulher e africana, usa uma voz própria para “expressar um ponto de vista coletivo e autodefinido das mulheres negras” (COLLINS, 2019, p. 183), em especial as mulheres nigerianas.

Esse é o ponto central do feminismo negro: permitir que mulheres negras possam se autodefinir e autoavaliarem por essa ser “uma forma importante de se resistir à

desumanização essencial aos sistemas de dominação branco” (COLLINS, 2016, p. 105), o que de acordo com a teórica torna a autodefinição e autoavaliação o ponto-chave do pensamento feminista negro. Que é baseado na interseccionalidade, pois as opressões padecidas pelas mulheres negras são consequência da intersecção de gênero, raça e classe e colocam essas mulheres à margem do poder e da representação, negando sua existência em diferentes contextos.

Segundo Ribeiro (2017, p. 101), “pensar a interseccionalidade é perceber que não pode haver primazia de uma opressão sobre as outras e que, sendo estas estruturantes, é preciso romper com a estrutura.” Por isso, é necessário pensar que raça, gênero e classe não podem ser categorias compreendidas separadamente, como o movimento feminista dominante fez, mas é necessário pensá-las de modo interseccional.

O conto “No seu pescoço” traz para o centro da narrativa a intersecção vivenciada por Akunna: sua vida nos EUA é baseada por opressão, ela é oprimida por ser mulher, negra, pobre, assim como era na Nigéria, mas com um agravante a mais, torna-se imigrante. Na posição que ocupava na sociedade africana e americana, a personagem enfatiza não saber que “as pessoas podiam mandar na vida” (ADICHIE, 2017, p. 131), pois ela estava acostumada a “aceitar o que a vida dava, a escrever o que a vida ditava” (ADICHIE, 2017, p. 131).

No decorrer de toda a narrativa observamos que Akuna é uma mulher oprimida e com muitas interseccionalidades da opressão e do preconceito. De acordo com Akotirene (2019), o conceito de interseccionalidade é essencial para pensar as “avenidas identitárias” de mulheres negras, pois “a interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado” (AKOTIRENE, 2019, p. 19).

O reconhecimento da mulher negra como sujeito está no cerne do pensamento feminista negro, que traz à tona a realidade diária dessas mulheres, baseado nas suas subjetividades e ponto de vista, tendo um importante papel na desconstrução da visão negativa que o sistema colonial criou para elas, possuindo um papel muito significativo para a autoafirmação dessas mulheres que sofrem com as intersecções do racismo, machismo e sexismo.

Embora Akunna tenha nascido em Lagos na Nigéria, sua diáspora aos Estados Unidos a coloca em um lugar que Collins (2019) chama de *apartheid* global de gênero, ou seja, a experiência de ser mulher e negra em qualquer parte do mundo. Essa é uma experiência que, infelizmente, é comum a mulheres negras sobre as quais recaem muitas opressões em vista de suas condições de gênero e raça, dois marcadores que só podem ser pensados juntos, como Akunna relata no trecho abaixo em que foi assediada pelo “tio” que não era seu parente de fato.

Seu tio entrou em um portão apertado onde você dormia ao lado de caixas e embalagens velhas e puxou-a com força para perto dele, apertando sua bunda e soltando gemidos. [...] Depois que você o empurrou para longe, ele se sentou na sua cama – a casa era dele, afinal de contas – sorriu e disse que não era criança, já tinha vinte e dois anos (ADICHIE, 2017, p. 127).

Os corpos das mulheres negras são vistos e tratados desde a era escravocrata como objetos e sexualizados, sendo tidos como algo que podem ser usados e tocados sem consentimento. Hooks (2019, p. 86) afirma que a percepção que se tem da mulher negra “é a da mulher “decaída”, a meretriz, a devassa, a prostituta”, imagem essa que normaliza o abuso sexual sofrido por mulheres negras, não apenas pelos homens brancos, mas também por homens negros como faz o tio de Akunna, seu anfitrião nos EUA que se sente no direito de tocar a jovem sem seu consentimento. Com isso, Adichie traz para o debate que homens negros se tornam reprodutores da violência praticada por homens brancos eurocêntricos que abusam sexualmente as mulheres negras há muito tempo.

De acordo com Ribeiro (2019, p. 38) os corpos negros femininos são ultrassexualizados, isso faz com que “a imagem das mulheres negras seja vista sob o prisma da exotização”, essa exotização das mulheres negras anula sua humanidade, elas passam a serem vistas apenas como objetos e mercadoria e são, na maioria das vezes, “importunadas, tocadas, invadidas sem a nossa permissão. Muitas vezes temos nossos nomes ignorados” (RIBEIRO, 2019, p. 38).

Essas atitudes podem parecer inocentes, mas para essas mulheres são atitudes racistas, violentas e recorrentes, como acontecia com a personagem Akunna. Spivak (2010, p. 85) ressalta que “o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” por não serem ouvidas e não terem suas histórias evidenciadas.

O tio de Akunna, representante da sociedade patriarcal, afirma que as mulheres só conseguem ascender socialmente com a ajuda dos homens, denotando sua incapacidade e dependência do sujeito masculino, como ele acentua: “Se você deixasse ele faria muitas coisas por você. As mulheres espertas faziam isso o tempo todo. Como você acha que aquelas mulheres com bom salário em Lagos conseguiam aqueles empregos? E até as mulheres em Nova York?” (ADICHIE, 2017, p. 127).

Nota-se, assim, que a opressão sexista considera a intelectualidade feminina inferior, o que desqualifica o profissionalismo das mulheres, firma o poder patriarcal e justifica que elas só podem conseguir bons empregos se forem proporcionados por algum homem, mas precisam utilizar o próprio corpo como moeda de troca. Deste modo, o sistema social patriarcal consiste no “regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens” (SAFFIOTI, 2004, p. 44), o que torna o homem a autoridade máxima sobre os outros indivíduos.

O feminismo negro traz para a sua pauta tanto a questão de gênero quanto o movimento e a luta antirracista. E para isso, se vale do conceito de interseccionalidade, termo esse cunhado, como já dito anteriormente, pela jurista Kimberle Crenshaw, em 1989, que o define como a interação entre diferentes formas de opressão. Ribeiro (2017) afirma que:

Pensar o feminismo negro é justamente romper com a cisão criada numa sociedade desigual. Logo é pensar projetos, novos marcos civilizatórios, para que pensemos um novo modelo de sociedade. Fora isso, é também divulgar a produção intelectual de mulheres negras, colocando-as na condição de sujeitos e seres ativos que, historicamente, vêm fazendo resistência e resistindo (RIBEIRO, 2017, p. 14).

Essa cisão mencionada acima por Ribeiro (2017) percorre a nossa história e nos distingue a partir da cor da pele e do gênero, no campo do acesso às políticas públicas e aos poderes, nos privando da garantia de direitos básicos e humanos. *No seu pescoço* dialoga com o feminismo negro à medida que leva para o cerne da narrativa a subjetividade da protagonista Akunna e as dificuldades que ela encontra para ascender por conta dos estereótipos, preconceito e limitações que lhe são impostos pela sociedade contemporânea, a qual lhe vê e trata desde a era colonial como o “Outro”, por ser mulher e negra.

Após sair da casa do tio, em decorrência do abuso sexual praticado por ele, Akunna fica sem rumo, mas tem a certeza de que para casa do tio não iria voltar, sendo assim ela “foi parar em Connecticut, em uma outra cidadezinha, pois era a última parada do ônibus Greyhound que pegou” (ADICHIE, 2017, p. 127). Ao chegar lá, ela para em uma lanchonete e se oferece para trabalhar como garçonete ganhando um dólar a menos que as outras. Essa estratégia usada por Akunna foi com o intuito de ser contratada, pois, sem ter onde morar, não via outra alternativa.

O dono da lanchonete afirma que “nunca tinha tido um funcionário da Nigéria, mas que todos os imigrantes trabalhavam duro” (ADICHIE, 2017, p. 127). A partir disso, a jornada de Akunna se torna ainda mais difícil, e seu sonho em fazer faculdade seria interrompido, “pois agora pagava aluguel pelo quartinho minúsculo. [...] Além disso, a cidadezinha de Connecticut não tinha uma universidade comunitária (ADICHIE, 2017, p. 128).

Os sonhos e os planos traçados por Akunna e sua família com a ida dela para os EUA não foram possíveis de serem realizados, pois a realidade de um imigrante é muito diferente do que todos idealizavam, e sua família achava que “daqui um mês, você vai ter um carro grande, logo uma casa grande” (ADICHIE, 2017, p. 125), mas, na verdade, o dinheiro que a personagem ganhava mal dava para pagar o aluguel.

Com o trabalho na lanchonete, Akunna passou a sofrer muito com o racismo, preconceito e xenofobia por parte dos clientes e começa a sentir muita falta da Nigéria e, principalmente, da sua família, com a qual ela não entrava em contato há muito tempo: “ninguém sabia onde você estava, pois você não contou” (ADICHIE, 2017, p. 129). Ela sentia vontade de escrever para os pais e os amigos, mas tinha vergonha de contar a realidade vivenciada por ela nos Estados Unidos e então passa a sentir-se sozinha e invisível perante a sociedade local.

[...] às vezes você, você se sentia invisível e tentava atravessar a parede entre o seu quarto e o corredor e, quando batia na parede, ficava com manchas roxas nos braços. [...] À noite, algo se enroscava no seu pescoço, algo que por muito pouco não lhe sufocava antes de você cair no sono (ADICHIE, 2017, p. 129).

A invisibilidade de Akunna em um país de primeiro mundo se dá por conta do seu gênero e sua raça, tratada pela sociedade como incapaz e bombardeada por imagens extremamente pejorativas pelos clientes da lanchonete. A invisibilidade que Akunna sente torna-se ainda mais evidente por conta da situação marginalizada que ela vive e sua

condição social na sociedade racista e estruturalmente patriarcal que é a América, o que passou a incomodá-la e gerar desconforto ao ponto de deixá-la muito triste.

Para Anzaldúa (2000), as pessoas negras, principalmente as mulheres, dificilmente conseguirão ocupar algum espaço onde há a predominância do pensamento da supremacia branca, sem que exista luta por igualdade e por espaço de escuta. Ela declara que "a mulher de cor [...] é invisível no mundo dominante dos homens brancos [...]. Nosso discurso também não é ouvido" (ANZALDÚA, 2000, p. 229). Essa invisibilidade converte a vida das mulheres negras ainda a subalternidade e marginalidade, tanto na ficção quanto na vida real.

Através do trabalho na lanchonete, Akunna teve contato com inúmeras pessoas e vivenciou diversos episódios de racismo que era naturalizado pelas pessoas americanas, mas que deixavam a personagem desconfortável. Até que um dia, um certo cliente branco e americano conseguiu chamar sua atenção por não a olhar com indiferença ou superioridade, pois ele tinha conhecimento sobre a cultura nigeriana, o que despertou nela atração por ele, logo começaram a sair e pôr fim a ter um relacionamento.

Ao conhecer melhor o rapaz, a personagem percebe que a condição financeira dele é confortável e cheia de privilégios, pois podia fazer escolhas diferentes dela que se via obrigada a aceitar as imposições que a vida lhe destinava. O relacionamento interracial deles causava olhares estranhos por parte das pessoas, geralmente preconceituosos, algo perceptível por Akunna "pela reação das pessoas, você sabia que vocês dois eram anormais" (ADICHIE, 2017, p. 136).

O relacionamento dos dois é permeado por episódios de racismo sofridos por Akunna. Uma cena que pode explicitar isso é quando os dois vão a um restaurante que costumavam frequentar e demonstrar carinho, e em um determinado momento um garçom, em conversa com um colega de trabalho, presume ser impossível essa relação. Apesar disso tudo, o namorado de Akunna acha natural o questionamento, o que a deixa muito irritada, principalmente pela falta de confirmação do namoro.

A narrativa mostra diversos momentos em que Akunna sofre severamente com o racismo, e as "construções racistas baseiam-se em papéis de gênero e vice e versa, e o gênero tem um impacto na construção de 'raça' e na experiência do racismo. [...] Um exemplo é o mito da mulher disponível" (KILOMBA, 2019, p. 94), pois a mulher negra é hipersexualizada como enfatizado por Ribeiro (2017), o que anula a sua humanização, não sendo percebidas com sua complexidade de ser humano.

No fim do conto, Akunna resolve voltar para Lagos sem o namorado e não aceita que ele lhe pague a passagem. Com isso, Adiche rompe com a visão romantizada do homem que salva a vida da mulher e transforma sua realidade, como frequentemente é visto nas histórias de amor. Akunna mostra para o então namorado que consegue resolver a vida sozinha, sem precisar de um homem para isso, pois ela é capaz de salvar-se, sendo vista como protagonista da sua própria história.

3 CONCLUSÃO

Por meio de suas obras, Chimamanda Adichie nos permite conhecer África sem os estereótipos, mas sim com sua heterogeneidade, cooperando com a ruptura da “história única” criada pela visão eurocêntrica e colocando histórias mais humanizadas sobre o continente e o seu povo.

A escritora aborda essas temáticas, mas também evidencia as outras inúmeras vertentes que cercam o local, dando destaque a figura da mulher negra como protagonista tanto dos contos da obra “No seu pescoço”, quanto nas suas outras narrativas. As obras de Adichie “contém muitos exemplos de empoderamento pessoal de mulheres negras por meio da transformação de consciência com o intuito de resgatar o “eu” existente dentro do “eu”” (COLLINS, 2019, p. 212).

Em suma, o feminismo negro é responsável por dar voz as mulheres negras, que há vários séculos lutam para se oporem a colonização e se deslocarem da posição de objeto até a posição de sujeito de suas próprias histórias e narrativas com uma voz própria, tornando-se possível reconhecê-las como “sujeitos políticos e produtor de discursos contra hegemônicos”, como apontado por Ribeiro (2017, p. 21). Deste modo, o intuito é reconstruir as identidades dessas mulheres e libertando suas vozes por meio da ficção que, na maioria das vezes, confronta, incomoda e gera reflexões na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ACHEBE, Chinua. *A educação de uma criança sob o Proletariado*. Britânico: Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Revisão de Renata Del Nero e Márcia Moura.
- ADICHIE, Chimamanda. *No seu Pescoço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ADICHIE, Chimamanda. *O perigo de uma história única*. Companhia das Letras, 2019.
- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Polém, 2019.
- ANZALDÚA, Gloria. *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*. Revista Estudos Feministas, UFSC, 2000.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2013.
- BONNICI, Thomas. *Introdução aos estudos das literaturas pós-coloniais*. Bauru: Mimesis, Vol. 19, N. 1, 1998, pp. 7-23.
- COLLINS, Patrícia Hill. *Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro*. Soc. estado. [online]. 2016, vol.31, n.1, pp.99-127. ISSN 0102-6992. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf>>. Acesso em 05 jul. 2022.

COLLINS, Patrícia. *Pensamento feminista negro*: conhecimento, consciência e política de empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

COUTO, Mia. *Pensatempo*. Textos de opinião. Alfagibe: Caminho, 2005.

HALL, Stuart. *Da Diáspora*: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HOOKS, Bell. *Erguer a voz*: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019. 380 p.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento: Feminismos plurais, 2017.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual Antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SAFFIOTI, Iara. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.